

Como se fosse um bom livro, a cada releitura de meu Avô em si, ele me parece um personagem mais interessante e necessário. Remanescer é em transformação, é vivo. Moreira Campos é infinito.

Cada texto que escrevi sobre ele tem uma visão diferente. Ele continuou me fazendo crescer. Eu o perdi aos 19 anos. Aos 45, observo que, como uma obra coletiva de um só autor, compus algo poliédrico, com várias perspectivas, todas atravessadas pelo amor.

“Eu sei que é sonhar a esmo,
Falta de senso ou de tino,
Pois nem o rio é o mesmo,
Nem é o mesmo o menino”

Faço essa citação de memória (espero que, pelo menos agora, não recrie nada) de um Vilancete de meu Avô. É uma ideia que sabe a Heráclito. Um gosto em comum.

Logo após sua morte, em 7 de maio de 1994, a homenagem que fiz a ele, publicada no jornal de nossa Faculdade de Direito – ele também era egresso de lá-, lamentava a perda do contador de histórias, de tomar café em seu pires e ouvir “O Flautista de Hamelin”. Rememorava meu fascínio por ter descoberto o grande escritor por trás do Vovô Zé Maria e tê-lo estudado para o vestibular.

Em 2014, durante o centenário dele, no jornal *O Povo*, destaco que, para Boris Schnaiderman, a grande injustiça da Literatura Brasileira é Moreira Campos não ser mais conhecido. No mesmo ano, para o prefácio do livro da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, relembro o grande leitor, como ele comentava o fio vermelho em *Cem Anos de Solidão*, sua vida doméstica, seu amor por Vovó Zezé, seu fusquinha verde.

Cuidei das homenagens para ele na Bienal Internacional do Livro do Ceará de 2014, até os móveis de minha sala, que eram da casa de praia dele, foram para o Centro de Eventos, com direito a caneta e coruja de louça. Comento seus contos, em especial, “O Peregrino”, “Lama e Folhas”, “O Preso” e “As Corujas”. Releio suas entrevistas. Falo sobre ele na Academia Cearense de Letras-ACL.

9 Professora e Escritora.

Minhas mais recentes, últimas questões de que queria tratar sobre meu Avô me remetem às primeiras. Revendo meu álbum de bebê, para ter uma base para fazer o de minha Leonor, encontrei colada uma notinha manuscrita por ele (ainda bem que lhe pareceu divertido):

“— Vovô, o senhor ’tá muito velhinho. Quando o senhor morrer, vou pedir para fazerem umas asas para mim, para eu lhe visitar no Céu”.

Parei. Foi daqueles cortes psicanalíticos. “Levado”, meu primeiro livro, é justamente a história de um menino magrinho – como nós dois- que cria asas quando chove. Ao voar é levado pelo vento, ele se perde de sua aldeia e é educado por um xamã, que vivia numa montanha muito alta.

A letra de meu Avô em meu álbum decifrou quem era meu Xamã. Revisitar minha figura paterna não é fazer romaria. Ele não era dado a dogmatismos, a certezas artificiais. Por outro lado, é a Arte nossa forma de transcendência e possibilidade de vencer a morte. O v vilancete continua:

“Mas sonhar é meu destino
É no sonho que me fio,
E de contente eu me rio”.

Acredito que a civilização se faz como um passar a tocha, de geração em geração, num processo de agregar e compartilhar. Quando se descobre um veio, o que se faz é continuar a exploração.

Meu Avô perguntou ao Boris Schnaiderman onde estavam os talentos russos pós Século XIX. Depois se soube que em seguida a Dostoiévski, Tolstói e Tchekhov, viriam Ossip Mandelstam, Anna Akhmátova, Joseph Brodsky (meu preferido). Que luxo teria sido ter a companhia dele nessas leituras! Sem mencionar os poloneses Czeslaw Milosz e a gigante, que saltou a Montanha e encobriu o Sol, Wislawa Szymborska, essa inventora do elo perdido entre a poesia e o miniconto. Mestre nessa brevidade que ele cultivava.

Não, eu não pude correr com essas leituras para ele, nem mostrar o que tenho escrito e muito menos ter o conforto de ouvi-lo em minha profunda desilusão com a ideia positivista do progresso como algo assente. Não é assente. Essa esperança é do tempo dele. Nosso tempo foi tocado pela decadência.

Meu Avô era um filho da civilização e de seu tempo. Pela civilização, superou seu tempo. Deu todo apoio para que minha Avó trabalhasse fora, era pela emancipação feminina.

Pela civilização, cultivou a linguagem – essa matriz do próprio pensamento e do pensamento próprio.

De seu tempo, herdou a educação, o rigor ao trabalhar e critérios de qualidade artística, que se debruçam mais sobre a obra em si do que pelo contexto de discursos gerais. Portas abertas para obras mais complexas, mais sutis, com possibilidades de nuances que não cabem nos panfletos e muito menos no twitter.

Meu Avô sabia a hora de ser civilizado: o quando da escuta, do acolhimento, do conviver... e o de ser selvagem: o da pulsão criadora -o texto, vindo tão rápido que a mão mal acompanha, sem pedir licença para passar por cima de moralismos, nem por gerar possíveis incômodos. Ele guardava a gentileza para as pessoas e a valentia para a obra. Esse discernimento é inspirador, quando precisamos resistir a retrocessos e expressar ideias com coragem.

A partir de um adolescente pobre e órfão, ele soube construir um homem, referência para mim de artista, de doçura e tenacidade, de responsabilidade e de sonhos. Para sempre amarei fuscas e cafés.

Agora, cabe a mim conduzir a tocha, recebida de minha mãe e saudade maior, Natércia Campos, herdeira dele. Há poucas semanas, Leonor, que mal sabe três palavras, bateu a cabeça e dei-lhe um beijinho. Ela aprendeu. Fingiu que bateu a cabeça na geladeira e veio pedir outro beijinho. Um ano e quatro meses, inventou sua primeira história. É do sangue. Aquele mesmo elemento que o Vovô acompanhava com um gesto, enquanto nos contava a história do sangue do filho de Úrsula buscando pela mãe em *Cem Anos de Solidão*, esse fio vermelho condutor nesse labirinto perigoso que é o mundo. É nosso jeito de resistir, de nos unir e de viver.

Estela, 25 de setembro de 2020